

Aproximações entre as narrativas testemunhais nas obras de Inge Scholl e Uwe Timm

Milena Hoffmann Kunrath¹

Bruna Escalante Ayres²

Resumo: O presente artigo propõe-se a comparar as narrativas testemunhais dos autores Uwe Timm, no livro *À sombra de meu irmão: As marcas do nazismo e do pós-guerra em uma família alemã*, e de Inge Scholl, em *A Rosa Branca*, sob a ótica do papel da influência da Segunda Guerra Mundial, que ainda afeta não só os participantes diretos, mas também indiretos e seus descendentes ainda muito tempo depois do fim do conflito. As formas de recuperação da memória e a visita aos fatos passados, não somente vividos pelos irmãos, mas também pelos narradores e seus contemporâneos, nos trazem uma perspectiva crítica dos acontecimentos e da visão dos irmãos e das famílias sobre os acontecimentos. Enquanto, durante o nazismo, o irmão de Uwe Timm foi considerado um herói, já os irmãos Scholl, executados sumariamente pelo regime, transformaram-se em mártires por terem lutado para resistência. As marcas dos acontecimentos na vida de Inge e Uwe não se deixam transparecer da mesma forma: sabemos que Inge foi presa por causa dos irmãos, mas nada mais que isso. Já sobre Uwe, o livro *À sombra de meu irmão* trata mais dele do que do irmão: questões como a preferência do pai por Karl Heinz e o orgulho que sentia pelo filho mais velho aparecem a todo momento na narração de Timm. O estudo será amparado nos estudos de Sebald e Seligmann-Silva sobre a dificuldade em recuperar a lembrança do trauma. Nos apoiamos ainda em Benjamin e Galle para esta questão. Bosi e LaCapra ajudam no entendimento da memória no âmbito familiar, bem como as relações intrafamiliares. Ainda na questão da memória, também há referência a Halbwachs, Straub e Nora.

Palavras-chave: Memória; Segunda Guerra Mundial; Uwe Timm; *A Rosa Branca*.

Abstract: The present article proposes to compare the testimonial narratives of the authors Uwe Timm, in the book *In my Brother's Shadow: The marks of Nazism and Post-war in a German family*, and Inge Scholl, in *The White Rose*, under the perspective of the role of the influence of the Second World War, which still affects not only direct participants, but also indirect participants and their descendants long after the end of the conflict. The ways of recovering memory and visiting past events, not only lived by the brothers, but also by the narrators and their contemporaries, bring us a critical perspective of the events and the vision of the brothers and their families about the events. While, during Nazism, Uwe Timm's brother was considered a hero, the Scholl brothers, summarily executed by the regime, became martyrs for having fought for resistance. The marks of events in the lives of Inge and Uwe do not show in the same way: we know that Inge was arrested because of her brothers, but nothing more. As for Uwe, the book *In My Brother's Shadow* deals more with him than with his brother: issues such as his father's preference for Karl Heinz and the pride he felt in his eldest son appear at every moment in Timm's narration.

¹ Dra. PUCRS; UFPel. milena.kunrath@gmail.com

² Me. UFPel; UFPel. brunaayres48@gmail.com

The study will be supported by the studies by Sebald and Seligmann-Silva on the difficulty in recovering the memory of trauma. We also rely on Benjamin and Galle for this question. Bosi and LaCapra help to understand memory within the family, as well as intra-family relationships. Still on the issue of memory, there is also reference to Halbwachs, Straub and Nora.

Keywords: Memory; Second World War; Uwe Timm; The White Rose.

Introdução

É seguro afirmar que muito já foi escrito e estudado, não apenas no âmbito da história, mas também em outras disciplinas, sobre a Segunda Guerra Mundial. Porém, apesar de passados mais de 70 anos do fim do conflito, ainda encontramos novas perspectivas sobre o tema. Na Literatura não é diferente. Embora nos primórdios do Pós-Guerra os romances de guerra tivessem outros enfoques, os leitores e escritores atuais, descendentes dos participantes diretos, ainda são afetados pelos acontecimentos de um dos fatos mais marcantes do século XX.

O livro *À sombra do meu irmão*, de Uwe Timm, é um dos livros que precisou do distanciamento temporal para ser escrito. Buscando encontrar as motivações do irmão, morto em 1943, Timm só conseguiu escrever o livro após a morte da mãe. Já a outra obra examinada neste artigo, *A Rosa Branca*, de Inge Scholl, é escrita logo após o término da Guerra, porém é traduzida para o português apenas em 2013. Inge Scholl também nos apresenta seus irmãos, os sonhos e motivações deles. Embora seu livro também tenha um caráter testemunhal, ele mostra-se muito diferente do de Uwe Timm.

O cotejo entre estas duas obras representativas da Literatura Alemã será exposto neste artigo. Discutiremos primeiramente a dificuldade de falar sobre a guerra, no caso de Timm, e também a demora, com o suporte principal dos escritores Sebald e Seligmann-Silva; depois, como os autores aproximam-se e narram a vida dos irmãos, bem como o juízo crítico e temores para com seus entes próximos, com o apoio teórico de Bosi, LaCapra, entre outros; finalmente, questões do resgate da memória, com conceitos de Nora e Halbwachs, serão recuperadas.

Segunda parte: O impulso de narrar

Em *Sobre a história natural da destruição* (2004), o escritor W. G. Sebald refaz o percurso de aniquilamento da Segunda Guerra Mundial. Mais precisamente no capítulo *Guerra aérea e literatura*, encontramos uma reunião de conferências que o autor efetuou em Zurique no ano de 1997. A partir dessa obra, podemos observar considerações acerca do silenciamento da literatura no Pós-Guerra diante do desaparecimento das cidades alemãs durante a Segunda Guerra Mundial. Sebald questiona o porquê da maioria da

população ter ficado calada. Tentando responder a essa questão, o autor faz outra pergunta: como debater a morte de civis alemães quando a nação por trás deles foi responsável pela morte brutal de milhões? (SEBALD, 2004, p.14)

Posteriormente, Sebald realizou diversas considerações sobre o desconfortável silêncio que pairava sobre a Alemanha depois da sua destruição. Partindo dessas reflexões, podemos tentar entender o motivo de algumas narrativas demorarem para surgir, assim como ocorreu em *À Sombra do meu irmão* de Uwe Timm. Através da reflexão de Sebald,

(...) eu tinha crescido com a sensação de que algo estava sendo escondido de mim: em casa, na escola, e pelos escritores alemães cujos livros eu li na esperança de recolher mais informações sobre os eventos monstruosos no fundo da minha própria vida (...)³ (SEBALD, 2004, p. 70) [tradução minha]

nos deparamos com uma das possibilidades para o esquecimento coletivo presente ao longo desses anos.

Analisando as obras literárias, percebemos que Scholl e Timm são de uma geração de escritores, onde, de certo modo, seus familiares, estiveram conectados ao Holocausto. De acordo com Galle (2014),

A necessidade de construir identidades que se relacionam de alguma maneira com a responsabilidade do crime, produziu, na literatura alemã, várias ondas de textos, predominantemente autobiográficos, nos quais os autores redefinem seu vínculo com os pais e avôs que atuaram em maior ou menor envolvimento com as ações genocidas e a política nazista. (GALLE, 2014, p.202)

Seguindo seu raciocínio, o autor diz que “a descoberta de um diário, de uma caixa com cartas amareladas ou de uma mala contendo fotografias reveladoras” são, frequentemente, “os pontos de partida para a reconfiguração da memória familiar” (GALLE, 2014, p.204). É exatamente o que acontece em *À sombra do meu irmão*: o pretexto da narrativa foi o diário de Karl Heinz, irmão de Uwe Timm. Em *A Rosa Branca*, também encontramos o diário de Sophie Scholl que serviu para a escrita de suas observações e entendimento sobre a guerra, ou seja, para descrever seu olhar sobre esses acontecimentos.

³ Texto original: “I had grown up with the feeling that something was being kept from me: at home, at school, and by the German writers whose books I read hoping to glean more information about the monstrous events in the background of my own life” (SEBALD, 2004, p. 70).

Com isso, podemos dizer que ambas obras são de literatura testemunhal, onde “(...) a ênfase recai na testemunha como testis, terceiro elemento na cena jurídica, capaz de comprovar, certificar, a verdade dos fatos (...)” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.89). É possível vislumbrar que a geração de indivíduos comprometidos no genocídio decidiu optar pelo silêncio frente a grandiosa responsabilidade coletiva pelos crimes de guerra, ao passo que a geração dos filhos resolveu optar pelo afastamento de seus pais.

De acordo com Arendt (2012), é preciso compreender, pois isso “significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido” (ARENDT, 2012, p.21). Com essas reproduções, é possível entender que há uma relação intrínseca entre experiência e memória.

Terceira parte: A memória indireta dos irmãos

Em À sombra do meu irmão não há uma vasta quantidade de registros que expõem os acontecimentos durante a Guerra. Conforme os narradores destes registros acumulam suas memórias, há uma ocultação das vítimas, aquelas cujas as vidas foram destruídas bruscamente pelo regime nazista.

Enquanto isso, li outros diários e cartas do período, relatos que destacavam o sofrimento da população civil, que expressavam indignação, e outros que relatavam as mortes de civis, judeus e russos com a maior naturalidade. Era a linguagem aprendida que tornava a matança mais fácil: subhumanos, parasitas, vermes, pessoas de vidas sujas, depravadas e bestiais. Incinerá-los é uma medida de higiene. (TIMM, 2014, p. 43)

90

Além disso, a história é descrita com o olhar dos “vencidos” da guerra, evidenciando que Timm somente conseguiu escrever essa narração após a morte de sua mãe:

Não sei dizer exatamente quando esse pensamento se tornou uma intenção, mas, sem dúvida, foi após a morte da mãe. Provavelmente, foi quando comecei a me ocupar mais seriamente com o diário e as cartas do meu irmão, quando pensei que precisava ver o local onde ele havia lutado, onde ele foi ferido e acabou tombando. Onde ele teria ferido e matado outros. (TIMM, 2014, p. 56)

Podemos entender que essa barreira na memória de Timm pode tê-lo ajudado a dominar seu abalo de guerra. No entanto, a presença do irmão Karl Heinz, mesmo estando ausente na família está fortemente marcada em toda a narrativa:

Ele me acompanhou durante a minha infância, ausente e mesmo assim presente no luto da mãe, nas dúvidas do pai, nas insinuações feitas entre eles. Falavam sobre ele, relatando pequenas situações sempre semelhantes, que o apresentavam como alguém corajoso e honesto. Mesmo quando a conversa não era sobre ele, ele estava presente, mais presente que outros mortos, através das histórias, fotos e comparações do meu pai que incluíam eu, o filho mais novo, o temporão. (TIMM, 2014, p. 6)

Nesse sentido, avistamos que o pai “obrigou” Uwe Timm a ser um exemplo de pessoa exitosa na vida, “Escrever sobre meu irmão significa também escrever sobre ele, o meu pai. Acho que um se assemelhava ao outro. Aproximar-se deles pela escrita é a tentativa de decifrar o que está simplesmente na lembrança; reencontrar-se” (TIMM, 2014, p.11). Tentando compreender quem foi seu irmão, Timm constata que houve, na verdade, um receptáculo das expectativas de seu pai. No seio familiar, Timm sempre fora esquecido, e, na tentativa de entender quem foi seu irmão, ele procura a sua personalidade, sem a influência do “fantasma” de Karl Heinz.

Diversamente de Heinz, que era tido como herói pelo pai (mas não sabemos se realmente ele foi ou não), em *A Rosa Branca* os membros do grupo foram chamados de heróis por terem se comprometido a lutarem por um mundo melhor:

Defenderam algo simples, lutaram por algo simples, pela liberdade e pelo desenvolvimento livre do indivíduo: por uma vida livre. [...] E talvez esteja aí sua grandeza: em terem lutado e arriscado suas vidas por algo tão simples, em terem tido forças para defender o direito mais básico com o sacrifício último. [...] Talvez o verdadeiro heroísmo consista justamente nisso: em defender com persistência o cotidiano, o pequeno, o imediato. (SCHOLL, 2013, p. 20-21)

Hans e Sophie Scholl foram dois irmãos, jovens universitários que criaram, junto com outros idealistas, o movimento de resistência antinazista Rosa Branca. Pregavam inicialmente a ação não violenta e o convencimento através da distribuição de panfletos e envio de cartas para alertar os alemães sobre o engodo nazista. Foram descobertos e sumariamente guilhotinados. Depois da Segunda Guerra, os jovens Hans e Sophie tornaram-se ícones da resistência na Alemanha.

Sobre Inge Scholl, podemos supor que os acontecimentos pessoais de sua vida a afetaram mais diretamente e também na escrita de sua obra, pois, distintivamente de Uwe Timm, a autora estava na adolescência durante a Segunda Guerra Mundial.

Discorrendo, então, sobre o tema principal da nossa narrativa, o grupo Rosa Branca, era integrado por um professor e estudantes da Universidade de Munique, responsáveis por fazer e distribuir panfletos que denunciavam as violações praticadas

pelos nazistas, essencialmente o que aconteciam no fronte oriental contra o povo judeu. Todos os seis panfletos foram compartilhados de forma anônima em grandes localidades alemãs. Além de todo conteúdo repudiando os crimes nazistas, também eram citados poetas, filósofos e passagens bíblicas.

Consequentemente, o propósito da autora ao descrever a sua história e de seus irmãos é de demonstrar que nem todos alemães compactuavam com os ideais nazistas e que houve coragem de vários indivíduos para tentar acabar com os autoritarismos nazistas. No posfácio da Rosa Branca, encontramos as palavras de Rainer Hudemann, onde ele diz que a sensação dessa fase histórico é o de tentar emudecer o âmbito público alemão, que estava em uma fase de “incapacidade de luto”, ou seja, “a incapacidade de viver caso o indivíduo assuma abertamente seus próprios atos” (SCHOLL, 2013, p. 253). Segundo Scholl, sobre um dos propósitos para a escritura do livro:

Eu havia me limitado a narrar a história de meus irmãos e seus amigos a partir da perspectiva de uma pessoa muito próxima. Naquele momento, a distância temporal que teria possibilitado a investigação do contexto histórico ainda não existia e tampouco se colocava a pergunta sobre o êxito da resistência. Pois para as pessoas que, após o fim da Guerra, tomaram conhecimento dos atos hediondos cometidos pelo sistema nazista, o simples fato de ter havido uma resistência foi crucial [...]. Sobre os jovens, de cuja boa-fé tanto se havia abusado, encontraram na história da Rosa Branca o estímulo necessário para um recomeço. (SCHOLL, 2013, p. 113-114)

92

Na narrativa de Uwe Timm, questões com fundamentos sociais e históricos aparecem, mas também muitas suposições e questionamentos do autor. O livro foi baseado a partir de apontamentos de Karl Heinz, irmão mais velho de Uwe, de 19 anos, morto na Ucrânia. O escritor não conheceu profundamente seu irmão, pois tinha um pouco mais de três anos quando Karl Heinz morreu, acontecimento esse que o marcou por toda vida. Segundo a apresentação de Uwe Timm, Karl Heinz tinha “1,85 de altura, loiro, olhos azuis” (TIMM, 2014, p. 8). Era o típico ariano, o filho que o pai admirava e que mesmo estando na guerra, estava na lembrança de Uwe Timm de forma constante. Então, com a redação dessa narrativa, o autor quer tentar descobrir de fato quem é Karl Heinz, como ele realmente era.

Timm usa o pronome pessoal para exprimir que há a presença de um narrador em primeira pessoa, e como resultado, há uma subjetividade própria a essa função intercessora na recriação da biografia de seu irmão, Karl Heinz, soldado da *Waffen-SS*, na frente Leste, que em 16 de outubro de 1943, perdeu sua vida por consequência dos graves ferimentos e da perda da perna, no correr de uma das batalhas.

Uwe Timm assim como Inge Scholl não narram de forma linear. O autor foi elaborando sua obra através da montagem. No decurso da narrativa, é possível vislumbrar que os materiais são estendidos a outras fontes como os diários e cartas de gerais, discursos de Himmler, citações de textos literários, deliberações e notícias dos militares e documentos históricos, explorações essas que são complementadas com questionamentos e opinião do narrador.

Deixando sua memória comunicativa transparecer quando pesquisa sobre a identidade de Karl Heinz, Uwe Timm consegue demonstrar a imagem criada pelos pais de que o soldado era um filho intangível e exemplar. Nas vezes em que Uwe Timm questionava seus pais do motivo de seu irmão ter se alistado voluntariamente na *Waffen-SS*, tanto um quanto o outro procuravam acolhimento no idealismo e valentia de Karl Heinz e mesmo com as cenas dos noticiários exibindo o aniquilamento e liberdade dos campos de concentração, os pais desfiguravam a veracidade histórica para “limpar” o aspecto do filho mais velho,

Quando perguntada sobre o motivo que levou meu irmão a se alistar na SS, minha mãe dava algumas explicações óbvias. Por idealismo. Ele não queria ficar para trás. Não queria fugir do compromisso. Ela, assim como o pai, fazia uma clara distinção entre a SS e a *Waffen-SS*. Depois que a guerra acabou e imagens terríveis vieram à tona com a libertação dos campos de concentração, soube-se o que tinha acontecido. Gente asquerosa, diziam, criminosos. O menino estava, contudo, na *Waffen-SS*. A SS era uma tropa militar normal. Os criminosos eram os outros, a SD, o Serviço de Segurança. As Forças-Tarefa. Principalmente os de cima, as chefias. Fizeram mau uso do idealismo de um jovem. (TIMM, 2014, p.12-13)

Essa permanente ideia dos pais em assegurar a imagem de Karl Heinz como tranquilo, dócil, ajuizado e corajoso, não possibilitava nenhum questionamento sobre a possível conduta do irmão durante sua prestação de serviços à *Waffen-SS* no transcorrer do regime nazista e da guerra. Uwe Timm, analisando os materiais escritos deixados por Heinz, ficou com grandes incertezas acerca da possível conduta de seu irmão durante a guerra. Com essa postura, enxergamos o dualismo moral contrastante com as cartas escritas para o pai, onde tem o manifesto à notícia de que sua cidade natal foi desmantelada pela “tempestade de fogo” que ruiu sobre Hamburgo.

Pelos registros insuficientes, é difícil chegar a alguma conclusão de quem foi realmente Karl Heinz. Dessa forma, Uwe Timm sabiamente termina a narrativa com referência à última anotação do diário do irmão “Aqui encerro meu diário, pois considero

sem sentido escrever sobre as coisas tão horríveis que acontecem às vezes”. (TIMM, 2014, p. 72)

Enquanto Timm busca pela verdadeira identidade do irmão e procura encontrar algo bom em seu caráter, Scholl tem certeza das motivações nobres do movimento de resistência fundado pelos seus irmãos. Para Pierre Nora (1993), “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p.9). Logo, é possível compreender que a memória tem uma ligação com o passado ou presente. Então, somos espectadores das nossas lembranças. Na sua narrativa, Timm não apenas se encontra, mas também se expõe ao leitor. Embora tenha vivido pouco do período nacional-socialista, a experiência o marcou, não apenas naquele momento, como nos anos posteriores:

Eu aprendi a bater os calcanhares e a fazer reverência. Parentes e amigos me contaram anos depois, quando eu já era adulto, que era engraçado; eu batia os calcanhares de maneira enérgica, exatamente como deveria ser. Esse fui eu uma vez, o menino de cinco anos com seu casquinho cinza, que batia os calcanhares e fazia reverência. (TIMM, 2014, p.13)

De repente, então, insistem para o jovem não realizar mais essas gesticulações que havia aprendido, “E então, um dia, tentaram me convencer a parar de fazer aquilo que eu acabara de aprender: bater os calcanhares. E dizer Heil Hitler. Você ouviu? De jeito nenhum! Foi o que me disseram ao pé do ouvido, em um tom assertivo” (TIMM, 2014, p.13).

Inge Scholl, que conviveu com o regime nazista, não apenas na sua infância, mas também na juventude, teve contato com os irmãos e presenciou os acontecimentos como testemunha, pouco revela ao leitor de *A rosa branca* os seus sentimentos ou aspirações. Tampouco é claro se, nos anos de Guerra, ela os apoiou ou não.

Timm descreve sua infância, não apenas na relação com o irmão, mas também a percepção do conflito e posteriores consequências:

Certa vez, visitei um abrigo antiaéreo, sobre o qual foi construída uma casa depois da guerra, que amigos haviam comprado. A descida foi como uma volta à infância, aquele ambiente de umidade, aperto, canalizações e labirintos, pois o bunker era dividido por paredes de contenção. Tubos de ventilação enferrujados corriam ao longo da parede. Havia placas de Proibido fumar. Tubulação de gás. Uma descida bastante peculiar que trazia diante dos meus olhos imagens adormecidas. O mais surpreendente foi que, quando as luzes se apagaram, as paredes brancas continuaram a brilhar. Mesmo sessenta anos depois da

guerra, as paredes pintadas com tinta fosforescente ainda brilhavam. E lentamente, muito suavemente, foram perdendo sua luminosidade. (TIMM, 2014, p. 20)

De acordo com Halbwachs (2013), na memória individual encontramos uma forma de compreensão da memória coletiva e esse movimento entre uma rememoração e outra pode afetar nossa perspectiva de percepção: participando de um determinado agrupamento recorremos às memórias relevantes para o momento atual sob a ótica elucidativa para a operação recente. Para Bosi “as testemunhas que retificaram uma lembrança não conseguem sempre fazer-nos revivê-la” (BOSI, 1994, p. 413), diversas vezes identificamos fatos do pretérito, mas não podemos recordá-los, sentindo-nos insólitos, como se não tivemos participado do ocorrido. Bosi (1994) segue seu raciocínio relatando que se nós não estivermos presente entre os espectadores das histórias, a rememoração não será feita pois as exposições realizadas por outrem poderão atrapalhar nossa memória, persuadindo, transformando ou ofuscando uma sensação que gostaríamos de armazenar. Há diversas condições que podem interferir na nossa memória, como por exemplo, a afeição ou não por um indivíduo. Somos propensos a armazenar lembranças boas de quem gostamos, e, por mais tempo que passe, será rememorado pelas condutas e trejeitos. Com aqueles os quais temos diferença, nossa memória poderá excluir todos os comportamentos realizados por esse indivíduo ou guardar como forma de alerta. Caso esqueçamos de alguma lembrança, devemos nos exercitar confrontando, recebendo e comunicando para mantê-las estáveis e sólidas.

Ao contrário do relato testemunhal e especulativo de Timm, Inge usa descrições detalhadas apenas para narrar acontecimentos sobre os irmãos. Não há um único relato de sua interação com eles ou da própria vida da autora. Ela simplesmente não participa ativamente da narrativa.

Em comum nas duas narrativas temos o desejo de mostrar aos outros quem são os irmãos. Inge Scholl os retrata de maneira simples, como sujeitos que lutavam pela liberdade, e expõe que o grande ato heroico de seus irmãos foi o de proteger um ideal de liberdade de forma incansável. Ela pretende, através de seu testemunho, que com a memória das ações dos mais velhos, os mais novos terão um modelo para acolher. Esse comportamento dos irmãos Scholl foi capaz de incentivar outros jovens a combater o regime de Hitler pela liberdade de todos.

Naqueles dias de fevereiro, já perto da primavera, logo após a batalha de Stalingrado, eu viajava de trem de Munique para Solln. Ao meu lado, na cabine do trem, estavam dois membros do partido nazista que conversavam em voz baixa sobre os acontecimentos mais recentes em Munique. Havia escrito

“liberdade” em letras grandes nos muros da Universidade, “Abaixo Hitler” pelas ruas, e panfletos espalhados pelo chão convocavam para a resistência: a cidade estava sob forte comoção, como se houvesse sofrido um abalo. Embora tudo permanecesse como antes e a vida seguisse como sempre, algo havia se modificado sutilmente. Foi o que percebi pela conversa sussurrada dos dois homens na cabine, sentados um diante do outro, levemente inclinados para frente. Falavam do possível fim da guerra e do que fariam se isso acontecesse de repente. “Não haverá outra opção a não ser se matar com um tiro”, disse um deles olhando rapidamente para mim, para ver se eu havia entendido alguma coisa. (SCHOLL, 2013, p. 19)

Uwe Timm nos traz suas inquietações acerca do que pode descobrir sobre o irmão. O autor se indaga sobre a possível responsabilidade e incumbência de seu irmão na execução dos crimes ao longo da Segunda Guerra Mundial, e a escassez de respostas causa uma penosa e atroz realidade que o conduz no desenrolar na narrativa.

O receio que acompanhava as minhas pesquisas era de que a unidade do meu irmão, o batalhão de tanques 3 da SS, e, conseqüentemente, ele próprio tivesse participado do assassinato de civis, judeus e reféns. (TIMM, 2014, p. 47)

Em *À sombra do meu irmão*, a narrativa é, portanto, contada através do olhar dos vencidos. Uwe Timm não interpelou sua irmã e mãe sobre o que e como estavam se sentindo. O autor colocou suas impressões e a compreensão dos acontecimentos sem a interferência de ninguém. Para acessar os fatos que somente ele poderia narrar, entendemos a história por meio da subjetividade dos participantes, como uma forma de “imagem irrecuperável do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se sinta visitado por ela”. (BENJAMIN, 2012, p. 243).

Na narrativa de Timm, esse retrato do passado é retomado por essa sombra que seu irmão deixou na família, principalmente, pelas dúvidas que Uwe Timm tem sobre seu irmão e suas possíveis ações ao longo da guerra. A lembrança de Timm e Scholl sobre seus parentes, dos episódios da guerra e do trauma deixado na família, é retomada quando Heinz, Sophie e Hans Scholl morrem. Rememorar e escrever sobre esses acontecimentos não deve ser trabalho fácil para os sobreviventes de um episódio traumático, sobretudo aqueles que abrangem a guerra.

Mais à frente, é possível perceber a dificuldade que sua mãe tinha para falar sobre Karl Heinz de forma clara. Esse obstáculo pode ter desenvolvido uma omissão na narrativa, pois o olhar dos pais sugeriria as lembranças (ou a falta delas) de Uwe Timm.

Um outro motivo era a mãe. Enquanto ela vivesse, era impossível para mim escrever sobre o meu irmão. Eu sabia antecipadamente

o que ela teria respondido às minhas perguntas. Os mortos devem ser deixados em paz. Foi somente quando minha irmã faleceu, a última que o conheceu, que estive livre para escrever sobre meu irmão, podendo fazer todas as perguntas sem precisar dar satisfação a ninguém. (TIMM, 2014, p. 7)

Essa deficiência de referências sobre seu irmão proporciona várias indagações sobre a identidade de Heinz, pois Uwe Timm não teve uma relação mais sólida com seu irmão. Com essa pobreza de informações de Heinz, o pai criou o retrato de um filho heroico e perfeito, alimentado essas impressões do que o filho poderia ter sido se não tivesse morrido de forma prematura.

O favoritismo do pai pelo filho mais velho é evidenciado pelas descrições do bloqueio sentimental que tinha com os outros filhos, Uwe Timm e a irmã, dezoito anos mais velha. Nota-se o desapontamento do narrador quando o pai não conseguia mascarar o seu desgosto por ter perdido o seu filho, dizendo, “Karl-Heinz, o menino mais velho, por que logo ele? O meu pai então ficava quieto, e era possível sentir nele o pesar, imaginando de quem ele preferiria sentir saudade”. (TIMM, 2014, p.11)

Porém, com o término da guerra, o pai não aceitava tamanha proporção dos atos realizados contra os judeus,

[...] rendição não foi motivo para tristeza, tristeza pela destruição daquilo que ele pronunciava de forma peculiar, colocando muita ênfase sobre a primeira sílaba: o Reich alemão. Em vez disso, ele reagiu de forma ofendida e com uma prepotente rabugice. Ele, que sempre destacava que não havia sido um nazista, trazia argumentos para mostrar que os Aliados também tinham culpa: por que os ingleses e americanos não bombardearam as ferrovias que levavam aos campos de concentração? Os Aliados já sabiam disso em 1943. E por que não bombardearam os crematórios? Por que não incentivaram a tempo a emigração de judeus para os Estados Unidos e a Inglaterra? Era uma tentativa de relativizar a culpa, de transferir a própria culpa para os vencedores e de torná-los também culpados (TIMM, 2014, p.61)

Com esse excerto, é possível perceber a sensação de desaprovação que houve na Alemanha no pós-guerra. Há a possibilidade de ser a desilusão do pai em reconhecer a perda da guerra, já que ele lutou e perseverou, e seu filho Heinz, foi lutar e morreu, demonstrando o seu compadecimento de compatriota alemão.

LaCapra (2009) reflete sobre a demanda de reviver alguns instantes do pretérito sugerindo que a reabilitação dessa lembrança pode influir no presente distraindo-o na edificação do futuro. Para o autor, esse “giro nostálgico e sentimental em direção a um

passado parcialmente ficcional contido em um relato conveniente conciliador e cheio de convenções tranquilizadoras”⁴. (LACAPRA, 2009, p. 21) [tradução minha]

Logo, estudar sobre os temas de memória e história de guerra são tarefas complicadas. Percebemos isso diante da numerosa quantidade de séries, documentários, filmes e livros lançados todos os anos sobre esses temas. O livro *A Rosa Branca* de Inge Scholl é um exemplo que podemos citar pois tem a temática da guerra e ainda que os membros do grupo e os irmãos tenham sido mortos, a autora expõe suas lembranças sobre seus familiares relembando-os pelas suas ações. Com a morte ou o afastamento dos familiares, as lacunas vão crescendo e a imagem vai empalidecendo. Através dessa falta, tendemos a modificar o retrato dos indivíduos em nossa lembrança. A ilustração de nosso pai estará em nossa companhia para o resto de nossa vida. Podemos acolher uma ação ou expressão para armazenar em nossa lembrança, mas se essa cena não for ativada através de um convívio, ela será estabilizada no tempo. Após uma conversa que Robert Scholl teve com seus filhos, eles perceberam uma mudança na relação com o pai, se tornando amigos:

[...] Essa conversa com nosso pai aconteceu durante um longo passeio na primavera. Mais uma vez, havíamos falado abertamente sobre todas essas questões para aliviar as incertezas. Nosso pai disse: “Quero apenas que vocês caminhem pela vida com liberdade e retidão, mesmo que seja difícil”. De repente, havíamos nos tornado amigos, ele e nós. E nenhum de nós reparava que ele era bem mais velho. Sentimos que o mundo se tornara mais vasto. Ao mesmo tempo, entendemos que essa vastidão trazia consigo perigos e riscos. (SCHOLL, 2013, p.29)

98

Em outros termos, a recordação que os filhos tinham do pai mudou e progrediu, assim como os filhos, após a caminhada. Com relação aos familiares, Bosi desenvolve algumas reflexões: “se todos os parentes se extinguissem não encontraríamos, por acaso, outras pessoas que conheceram nossos queridos e para quem seus nomes ainda significam alguma coisa?” (BOSI, 1994, p.426), e uma possível resposta para esse questionamento seria que se esses familiares se afastam de nós no decorrer dos anos, essa culpa não poderia ser atribuída ao tempo e sim ao distanciamento familiar. A mãe dos Scholl, Elizabeth, é descrita através de suas características físicas, da sua moral e do seu trabalho:

[...] era véspera da partida de Sophie para Munique, poucos dias antes de seu aniversário de vinte e um anos. “Mal posso acreditar

⁴ Texto original: “[...] giro nostálgico y sentimental hacia un pasado parcialmente ficcionalizado contenido en un relato convenientemente conciliador y lleno de convenciones tranquilizadoras”. (LACAPRA, 2009, p. 21)

que amanhã vou começar a faculdade”, disse Sophie, enquanto dava um beijo de boa-noite na mãe, que estava passando as blusas da filha no corredor. No chão, havia uma mala aberta com roupas limpas e com todas as mil coisinhas de que Sophie necessitaria em sua nova vida de estudante (SCHOLL, 2013, p.38-40).

A E Inge segue descrevendo a mãe,

[...] nossa mãe não era daquelas que vivia com medo e preocupação pela segurança dos filhos. Ao contrário, ela se abstinha de advertências quando Hans e Werner partiam para as suas viagens aventureiras. Uma vez, quando voltaram para casa, ela disse para mim, em segredo: “Vocês não imaginam o medo que eu sinto. Mas prefiro morder a língua a estragar a diversão deles com meu lamento” (SCHOLL, 2013, p.44)

A mãe de Timm também faz parte da obra do filho, *À sombra de meu irmão*.

Minha mãe viveu por trinta e três anos após a morte do meu pai. Ela viveu até os oitenta e nove anos. Toda vez que falávamos no telefone, eu me impressionava com a sua voz, tão jovem e com um riso claro e inalterado. Essa voz, e sobretudo esse sorriso, poderia pertencer a uma menina. Ela falava coisas do dia a dia, de pessoas que ela havia encontrado, mas não acontecia mais muita coisa como antigamente, quando ela ainda tinha a loja. Ela falava das coisas com bom humor. Eu gostava da sua risada, tão próxima e corporal. Quando penso nela agora, vejo-a sorrindo, sentada em sua poltrona Chippendale, adquirida nos bons tempos, e rindo. Ao rir, ela se curvava com um típico movimento de corpo para trás, levantando a mão direita e batendo levemente na coxa. Nunca era um riso malicioso. Tinha um olhar para identificar excentricidades, para o excepcional, um olhar que não era mal intencionado, mas sim que observava todas as variantes, as várias possibilidades que a vida trazia. (TIMM, 2014, p. 51)

99

Quando selecionamos nossas lembranças, é possível verificar um enaltecimento de nossas narrativas, pois ela é capaz de perscrutar a história da humanidade. Logo, realizando a leitura de nossos objetos de estudo, nota-se que ambos autores usaram de suas vivências particulares e familiares da Segunda Guerra Mundial para narrar suas histórias. Ou seja, também encontramos fatos enternecedores e rotineiros ao lado do trauma da guerra.

Nessa pesquisa, não nos atentaremos a analisar de forma minuciosa as narrativas para verificar se os fatos narrados, sejam coletivos ou individuais, são verídicos ou não, mas, podemos verificar o modo que cada evento surge nas obras. Para Seligmann-Silva (2003b), há uma maneira de narrar o pretérito sem o amparo da literatura,

[...] [n]o campo de forças sobre o qual a literatura de testemunho se articula: de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência da linguagem diante de fatos (inenarráveis) como também [...] a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e sua conseqüente inverossimilhança. (SELIGMANN-SILVA, 2003b, p. 46)

Nesse sentido, podemos compreender que é complicado atingir o vivido por intermédio de palavras. Por isso, quando discorremos sobre trauma de vítimas de guerra, compreende-se que a rememoração desses acontecimentos pode ser uma vivência perturbadora que nem como defender um lado assinalado como injusto no decorrer da guerra. Straub (2007) diz que pode ter uma linha tênue entre o que o autor narrou e suas vivências,

Apesar de todas as diferenças entre histórias de vida expostas oralmente e de forma escrita, está claro que contar histórias não é capaz de fechar a lacuna entre a vida e a narrativa, entre o mundo vivido e o mundo narrado. Esse problema é comum em toda a representação [...] da vida. (STRAUB, 2007, p. 81)

Diferente do questionamento que Timm tinha acerca de seu irmão ser ou não responsável por atrocidades durante a guerra, Inge Scholl relata que, quando Sophie e Hans encontravam-se encarcerados, eles “tinham uma postura em comum: assumiam a “culpa” inteira para si, de tudo, tudo, para isentar o outro” (SCHOLL, 2014, p. 72). Estamos cientes que aqui as formas de culpa são distintas. Na narrativa de Uwe Timm, o grande questionamento que permeia a narrativa é relacionado às para si espontaneamente para tentarem defender uns aos outros contra a condenação do Tribunal do Povo.

Dessa forma, entende-se que há uma complementação da memória com a história. De acordo com Seligmann-Silva (2003a),

[...] não podemos mais contar com discursos puros, com divisões claras entre “ciências e literatura”, sem que isso signifique de modo algum uma relativização do “evento histórico, mas apenas a complexificação do trabalho de registro do passado. (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p.18)

Nesse contexto, é compreensível que a memória integre a história, mesmo sendo precária, pois pode auxiliar no entendimento dos fatos. Então, a memória está relacionada à contemporaneidade e é nesse critério que podemos identificar a sua relevância. Descrita como uma exposição do pretérito, a história, é uma declaração clara de fatos de um dado momento. Logo, não pode ser vista como um mecanismo problematizador.

Todavia, quando pesquisamos sobre memória e história, sobretudo sobre literatura testemunhal, existem dois aspectos básicos que não devem se confundir em um relato histórico. Para Seligmann-Silva (2003c),

(a) A literatura de testemunho é mais do que um gênero: é a face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura – após 200 anos de auto-referência – seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o real. (b) Em segundo, esse "real" não deve ser confundido com a "realidade" tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o "real" que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação. (SELIGMANN-SILVA, 2003c, p. 373)

prováveis ações de Karl Heinz durante a guerra, e na de Inge Scholl, a "culpa" dos irmãos eram tomadas

Por conseguinte, podemos compreender que a literatura do século XX é retratada de forma diversa das outras por causa das guerras mundiais. De acordo com o autor, os historiadores contemporâneos devem abranger os acontecimentos do pretérito através de várias reproduções,

O desafio da historiografia da Shoah (nesse ponto, de modo paradigmático para a historiografia como um todo) é conseguir articular – sempre novamente, sem pretensões e sem a arrogância do historicismo – esses três níveis de registro do passado: o da memória individual, o da memória coletiva e o da historiografia. (SELIGMANN-SILVA, 2003a, p. 17)

Em vista disso, é significativo compreender que a literatura pode trabalhar com a memória, de forma diversa da história. Contemporaneamente, a memória é uma maneira de testemunhar o que passamos, através de uma importância incontestável. Assim, através das narrativas que estudamos, é possível entender que a memória não pode ser simplesmente guardada, pois acarreta pressentimentos, sentimentos e equívocos que somente quem participou dos acontecimentos é capaz de compreender.

Conciliando com a ideia de LaCapra (2009), precisamos compreender que é necessário realizar essa visita ao pretérito e refletir a maneira pela qual contemplamos o Holocausto na contemporaneidade. Posto que na narrativa não nos deparamos com indícios de Karl Heinz ter participado do genocídio dos judeus e dos pais refutarem de forma enfática a ação do filho nesse episódio, é necessário refletir sobre as intervenções dadas às pessoas nessa fase e sobre a "afirmação paradigmática da sublimidade e a

“glória” da transgressão extrema e os inéditos excessos do tratamento dado aos judeus pelos nazistas”. (LACAPRA, 2009, p.21)

No segundo panfleto da Rosa Branca, encontramos uma referência ao povo judeu, carregado de veracidade para protegê-los e assegurar suas justificativas,

Apenas, como exemplo, queremos mencionar brevemente um fato: o fato de que, desde a tomada da Polônia, *trezentos mil* judeus foram assassinados naquele país da maneira mais bestial. Aqui vemos o mais terrível crime contra a dignidade humana, um crime sem precedentes em toda a história da humanidade. Pois os judeus também são seres humanos e – seja qual for a opinião de cada um sobre a questão judaica – foi contra seres humanos que esse crime foi cometido. Talvez alguém diga que os judeus merecessem tal destino; essa afirmação seria de monstruosa arrogância [...] (SCHOLL, 2013, p. 96 grifo do autor)

No decorrer da narrativa, percebe-se a contrariedade de uma jovem sobre as atitudes tomadas contra os judeus,

Uma vez, quando estávamos deitados na barraca para descansar, depois de um longo passeio de bicicleta sob um amplo céu estrelado, uma colega de quinze anos disse subitamente: “Tudo seria tão lindo – mas essa questão dos judeus eu não consigo engolir”. (SCHOLL, 2013, p.23)

102

Nesse sentido, na obra de Uwe Timm, é apresentado o povo judeu como indivíduos imundos e que seu aniquilamento seria um modo de “limpar” o mundo. Já na narrativa de Inge Scholl, há a iniciativa de protegê-los, evidenciando que esse massacre cometido pelos nazistas deixou grandes marcas na história da humanidade.

Em *À sombra do meu irmão*, o narrador expõe suas memórias acerca de seus diálogos com seus amigos, sobre as possíveis formas de vencer a guerra. Os veteranos se encontravam e refaziam os métodos de guerra para saber onde foi a falha,

As discussões em casa quando os veteranos de guerra se encontravam, estrategistas de plantão, sempre giravam em torno das reviravoltas e dos pontos cruciais da guerra: as decisões equivocadas de Hitler, de Göring, e do marechal Keitel, chamado de o lacaio ou Lakeitel. Uma mudança na estratégia. De repente, a Luftwaffe passou a atacar alvos civis, Londres, Coventry, Bristol e Swansea, ao invés de continuar bombardeando aeroportos e fábricas de aviões e, com isso, obter supremacia aérea para invasões subsequentes. E sempre retornavam a Dunquerque — e aos diversos boatos sobre teorias da conspiração antisemitas. Por que Hitler ordenou que a XII Divisão de Tanques parasse em frente a Dunquerque? Com isso, o Corpo Expedicionário Britânico pôde fugir com 200.000 homens para a Inglaterra. E então, o erro mais decisivo, o ataque à União Soviética em 21 de julho de

1941, após ataque e ocupação da Iugoslávia. Assim, foram perdidas cinco semanas cruciais. As tropas cercaram Moscou no início do inverno e o resto é história: hordas de carne congelada, a serra de Hitler e o “tiro para casa” — um ferimento grave o bastante para mandar o soldado de volta para o lar, mas não suficientemente grave a ponto de deixá-lo inválido. (TIMM, 2014, p. 45-46)

Associando essas conversas de como a guerra poderia ter sido ganha, os irmãos Scholl tinham alguns questionamentos sobre o que eram os campos de concentração, a guerra e de que modo isso aconteceu com os alemães,

[...] Meu Deus! A partir dali, a dúvida, que até aquele momento era apenas uma fagulha, transformou-se em profunda tristeza e, depois, em uma chama de indignação. Dentro de nós, o mundo puro em que acreditávamos começou a desmoronar, pedaço por pedaço. O que realmente haviam feito com a nossa pátria? Não havia liberdade, nem vida florescendo, nem prosperidade ou felicidade para os que viviam ali. Não, pouco a pouco, a Alemanha fora cercada até que todos se viram em uma grande masmorra.

- Pai, o que é um campo de concentração? Ele nos relatou o que sabia e imaginava a respeito e acrescentou: - Isso é guerra. Guerra em meio à mais profunda paz e contra o próprio povo. Guerra contra indivíduos indefesos, guerra contra a felicidade e a liberdade de seus filhos. Isso é um crime terrível. [...] Mas como foi possível que algo assim tenha chegado ao poder, em nosso próprio povo? - Em um tempo de muita miséria — explicou nosso pai — qualquer coisa pode chegar ao poder. (SCHOLL, 2013, p. 27-28)

103

Enquanto o pai de Inge expõe a triste realidade dos campos, a preocupação do pai de Timm é de outra natureza, segundo a lembrança de Uwe:

(...) Em um passeio de trem, um oficial americano queria me dar uma barra de chocolate. Eu, porém, me recusei a aceitá-la. O soldado balançou negativamente a cabeça. O pai, que estava lá, contava sempre essa história como um ato heroico. Naturalmente, Karl-Heinz teria feito o mesmo. (TIMM, 2014, p. 33)

Nota-se que a criança ter recusado o chocolate foi entendida como um comportamento honroso pelo pai, talvez, pelo fato de o soldado ser americano e o pai considerar que Karl Heinz também poderia ter agido do mesmo modo.

O contato com a família, de todo modo, moldou os jovens que pereceram durante a guerra e seus irmãos, que sobreviveram para contar a história.



Conclusão

O elo entre os familiares é definitivo: serão sempre Sophie e Hans, e seus irmãos, filhos de Elizabeth e Robert. Na família de Timm, a mãe, o pai, Uwe Timm, Karl Heinz e a irmã mais velha. É no seio familiar que a individualidade e as particularidades de cada sujeito irão aflorar. Se a coletividade é capaz de distinguir os indivíduos, a comunidade familiar será aquela que terá consideração e respeito por cada um. Investigando de forma analítica os parentes, idealizamos em nossa psique uma ilustração abundante e ao mesmo tempo complexa de gradação, envolvendo condutas que aparentam ser incompreensíveis para os sujeitos que não parte dessa intimidade. Presumimos, então, que os familiares seriam capazes de compreender plenamente as ações tomadas no dia a dia por seus iguais, mas nem sempre é o que acontece. Na verdade, muitas vezes é necessário o distanciamento crítico para superação e entendimento muito posterior dos acontecimentos.

Procurando menções acerca dos temas memória e identidade, encontramos um assentimento sobre o papel exercido pela memória no desenvolvimento da preservação e reconstrução da identidade coletiva e individual. Na literatura de expressão, esses conceitos são consideráveis pois tratam a temática do Nacional-Socialismo e de participantes, voluntários ou não, desse regime.

104

À vista disso, as narrativas descritas e criadas por outrem, podem ser inseridas na nossa memória, tornando-se nossas. Houve eventos pessoais que não tiveram repercussão coletiva e ficaram armazenados na nossa subjetividade, e existem episódios que acontecem de modo coletivo e reverberam profundamente em nós - que é quando dizemos, "só eu entendo e sinto o que passei".

Na memória coletiva, o sujeito é um contemplador dos laços de companheirismo, sejam eles, amorosos, profissionais e/ou de família. Uwe Timm e Inge Scholl tiveram experiências em grupos, como indivíduos terão então mudanças e elas dependerão do convívio entre seus membros. Cada pessoa guardará um momento diferente, seja ele uma lembrança importante, um gesto ou até mesmo um diálogo, e isto refletirá, finalmente, no texto e em suas vidas.

Referências

- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. – trad. de Roberto Raposo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. (Obras Escolhidas v. 1) – 8ª ed. revista – trad. de Sérgio Paulo Rouanet – São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 2. ed., São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.
- GALLE, Helmut P. E. Evoluções do romance de família na atual literatura de língua alemã. **Organon**, Porto Alegre, v. 29, n. 57, p. 199-218, jul/dez. 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2º ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz**. – 1ª ed. – Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.
- NORA, Pierre. 1993. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**, p.1-22. São Paulo, 1993.
- SCHOLL, Inge. **A Rosa Branca**. Organização de Juliana P. Perez e Tinka Reichmann. Tradução de Anna Carolina Schäfer e outros – São Paulo: Editora 34, 2013 (1ª edição).
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. In: _____, org. **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003a.
- _____. Apresentação da questão. In: _____, org. **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003b.
- _____. O testemunho: entre a ficção e o real. In: _____, org. **História, memória, literatura**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003c.
- _____. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, n. 30, p. 71-98, jun. 2005.
- STRAUB, Jürgen. Memória autobiográfica e identidade pessoal: considerações histórico-culturais, comparativas e sistemáticas sob a ótica da psicologia narrativa. In: GALLE, Helmut; OLMOS, Ana Cecília; KANZEPOLSKY, Adriana; IZARRA, Laura Zuntini (Orgs.). **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume, 2009.
- TIMM, Uwe. **À sombra do meu irmão. As marcas do nazismo e do pós-guerra em uma família alemã**. Tradução Gerson Roberto Neumann e Willian Radünz. Porto Alegre: Dublinense, 2014.